



Revista Linguasagem – 15° Edição / www.lettras.ufscar.br/linguasagem

O LIVRO *UMA HISTÓRIA DO POVO KALUNGA* – MATERIAL DIVULGADOR DA REPRESENTAÇÃO SOCIAL DOS QUILOMBOLAS KALUNGA

Carina Merkle Lingnau¹

É preciso ter orgulho de ser Kalunga (OLIVEIRA)

Introdução

MUNANGA (2004) diz que “a discriminação racial precisa ser urgentemente enfrentada. Nós, negros, também temos problemas de alienação de nossa personalidade. Muitas vezes trabalhamos o problema na ponta do iceberg que é visível. Mas a base desse iceberg deixa de ser trabalhada.”

Então um projeto desenvolvido para uma comunidade por longo tempo esquecida dela mesma e do resto do país parece importante para resgatar parte da história quilombola Kalunga, e divulgar a importância de um trabalho de pesquisa e extensão deste nível em que um material didático é preparado e distribuído localmente e em forma de arquivo pdf gratuitamente no site do domínio público.

Um material que deve ser colocado em evidência quando procura resgatar a autoestima do povo Kalunga e também motivar seu potencial para um futuro mais respeitado e alinhado com as mudanças que ocorrem fora da comunidade sem deixar de valorizá-la .

Conceituando identidade

¹ Aluna do Curso de Especialização em Educação para as Relações Étnicorraciais, da UNIOESTE, campus Francisco Beltrão. E-mail: lingnaucarina@yahoo.com.br

Para SILVA (2000) “Em uma primeira aproximação, parece ser fácil definir ‘identidade’. A identidade é simplesmente aquilo que se é: ‘sou brasileiro’, ‘sou negro’... Mais adiante para tentar definir identidade, ele explica que identidade e diferença são inseparáveis e ativamente produzidas fazendo parte do mundo cultural e social. Ainda aponta que a identidade e a diferença estão em estreitas relações com o poder e que nunca são inocentes.

SILVA (2000) ainda afirma que a identidade e a diferença são bastante dependentes da representação e é nela que adquirem sentido e fazem parte dos sistemas de poder, afinal quem tem o poder de representar tem o poder de definir e determinar a identidade.

BHABHA (1998) diz que a questão da identificação “nunca é a afirmação de uma identidade pré-data, nunca uma profecia autocumpridora – é sempre a produção de uma imagem de identidade e a transformação do sujeito ao assumir aquela imagem. A demanda da identificação, ser para um outro implica a representação do sujeito na ordem diferenciadora da alteridade.”

Em entrevista UNB (2010) ao ser questionado sobre identidade Glória Moura diz que “toda a questão racial pode ser direcionada para a identidade, temos falta de consciência da diversidade brasileira. Com a desqualificação do negro na sociedade, ele fica sem saber quem é. A educação é o que vai ajudar a mudar isso. Um se aceitar. O outro se aceitar. E um aceitar o outro.”

Quilombolas, quem são?

Conversando com a revista *Estudos Avançados* MUNANGA (2004) afirma que apesar de parecer simples definir quem é negro no Brasil isto torna-se mais difícil pelo desejo de um branqueamento da população. Ainda aponta que os conceitos de negro e branco têm um fundamento etnosemântico, político e ideológico e não biológico. O autor ainda declara que por mais que tenha uma aparência de branco, a pessoa pode se declarar como negro.

De forma didática EDUCA (2010) traz na pessoa de José Maurício Arruti que “na legislação colonial, era chamado de quilombo qualquer grupo de mais de cinco pessoas negras encontradas juntas e alocadas em qualquer sítio que dispusesse de um pilão (o que indicava autonomia de subsistência) e que não comprovassem sua situação de livres ou libertos.” Depois, no Brasil império a palavra quilombo passou a significar “situações sociais que iam desde Palmares, que era um verdadeiro reino autônomo, formado de milhares de pessoas, organizadas em aldeias, com sistema político, força armada e sistema de comércio, até um micro-grupo de pessoas famintas

vagando pela estrada, vivendo de pequenos assaltos ou da solidariedade das senzalas, passando por formações sociais tipicamente urbanas, fixas, conhecidas e localizadas no centro da cidade imperial.”

José Maurício Arruti EDUCA (2010) pondera que com o advento da república o termo quilombo desapareceu por causa da abolição, mas em 1988 ele reapareceu na constituição ressemantizado, para garantir o direito às terras para as comunidades negras que mesmo depois da abolição tivessem permanecido em suas terras, apesar destas em geral nunca terem sido legalizadas. Parte destas comunidades tem origem em antigos quilombos, no sentido colonial do termo, mas outra grande parte tem outras origens. Podem ter comprado suas terras, herdado, ocupado terras abandonadas por antigos proprietários falidos com a abolição etc. Mas algumas coisas são muito recorrentes entre elas: tais grupos formam comunidades em um sentido sociológico, por serem compostas de um número limitado de participantes e por estes estarem ligados por complexos laços de parentesco e aliança, assim como por usarem suas terras em regime de uso comum, quase sempre sem terem a devida documentação delas.

De acordo com SANTOS (2009) nos dias atuais é comum ouvir a expressão quilombolas, ou remanescente de quilombo. Falar dos quilombos e dos quilombolas no atual contexto é, portanto, falar de uma luta política e, conseqüentemente, uma reflexão científica em processo de construção.

Quem é o povo Kalunga?

De acordo com OLIVEIRA (2001) o povo Kalunga é uma comunidade de negros, originalmente formada por descendentes de escravos que fugiram do cativeiro e organizaram um quilombo, há muito tempo atrás, na região da Chapada dos Veadeiros, no norte de Goiás. OLIVEIRA (2001) revela que o povo Kalunga já passou por muitas dificuldades para se manter no local e receber os benefícios legais da terra. Atualmente a luta do povo quilombola Kalunga conforme OLIVEIRA (2001) é buscar os benefícios a que tem direito e ainda não alcançaram.

As dificuldades do povo quilombola Kalunga parece não estar isolada apenas nesta comunidade, EDUCA (2010) observa que as dificuldades dos quilombolas “são uma mescla das dificuldades mais comuns às comunidades camponesas com as dificuldades típicas da população negra em geral.”

Estas dificuldades são históricas, de acesso aos serviços e políticas públicas, incluindo aí a saúde e educação, o que lhes deixa em situação muito desfavorável nos arranjos de poder locais; racismo institucional que lhes dificulta acessarem a justiça ou os círculos sociais da sociedade dominante.

A autoestima no livro *Uma História do Povo Kalunga* - representação social dos quilombolas kalunga -

O livro *Uma história do povo Kalunga* foi produzido para divulgar a história e identidade quilombola do povo Kalunga e para ser utilizado como material nas escolas quilombolas para alunos de 1ª. à 4ª. séries.

Este material é composto pelo seguinte kit: o livro de leitura *Uma história do povo Kalunga*, um caderno de atividades e um encarte para o professor. Para fins de análise este trabalho objetiva analisar apenas um aspecto deste material: a autoestima promovida pelo material desenvolvido neste projeto *Uma história do povo Kalunga*. O material *Uma história do povo Kalunga* está dividido em cinco partes: I. Os africanos e seus descendentes na história do Brasil; II. História Kalunga; III. As festas; IV. Kalunga hoje; V. A educação e o futuro.

Conforme OLIVEIRA (2001) O livro de leitura, *Uma história do povo Kalunga*, é um livro diferenciado dos outros livros escolares, ele retrata especificamente uma história e uma realidade locais. Mais adiante OLIVEIRA (2001) afirma que procurou mostrar algumas características da vida do povo Kalunga. Ela também diz: “Nós queríamos que, conhecendo melhor essa história, as crianças Kalunga aprendessem a valorizar sua identidade, aumentando assim sua autoestima. Queríamos também que as crianças que não são Kalunga aprendessem a respeitá-las e a admirar a contribuição que o patrimônio cultural do povo Kalunga trouxe para todo o povo brasileiro. Por isso, optamos por escrever um Livro de Leitura que oferecesse os elementos de compreensão de uma parte quase desconhecida da história deste país.”

De acordo com MARÉ (2007) “a escola é um espaço privilegiado de construção de conhecimento e a sociedade brasileira possui uma dívida com relação à reconstrução da identidade e autoestima da população afrodescendente.” No decorrer do texto MARÉ (2007) enfatiza que “a autoestima da população negra é um dos elementos fundamentais a serem considerados para que estes sujeitos sociais construam solidamente sua autonomia.”

No material analisado dividimos a autoestima em identidade/história, meio-ambiente e cultura. As referências destacadas encontram-se na tabela abaixo seguidas do número da página.

Identidade/história	Cultura	Meio-ambiente
<p>1. Para eles, kalunga era o que tornava uma pessoa ilustre e importante, porque mostrava que ela tinha incorporado em sua vida a força de seus antepassados. Era assim que agiam os reis, que só governavam enquanto eram capazes de manter seu povo unido em torno dessa força comum dos antepassados. Por isso, no cortejo dos reis e rainhas dos Maracatus, sempre foi obrigatória a presença da boneca que chamam kalunga. Ela é um símbolo da realeza africana e do poder dos ancestrais.p.31</p> <p>2. Na roda do tempo,</p>	<p>1. É bom que as crianças aprendam a pensar sobre essas histórias do tempo antigo, aprendendo a conhecer a história de seu povo. É ela que ensina o que quer dizer ser Kalunga. p.41</p> <p>2. Histórias do povo Kalunga, que as crianças também sabem contar. p.43</p> <p>3. Ainda hoje, como acontecia no tempo antigo, é nas festas que eles compreendem de verdade o que significa ser Kalunga. p.49</p> <p>4. Então, como no caso da saúde, as pessoas sabem que, também na</p>	<p>1. Tudo isso mostra por que hoje em dia tanta gente vem de todo o Brasil visitar a região da Chapada dos Veadeiros, onde vive o povo Kalunga, que é um lugar tão lindo.p.24</p> <p>2. Assim, esses nomes ensinam que a vida do povo Kalunga é inseparável de tudo o que é vivo e contribui para manter a vida, na terra e no céu, na água e no ar. p.31</p> <p>3. Uma humilde plantinha que faz lembrar a necessidade da união e da solidariedade de todos. Ela é a marca da realeza africana sustentada pela força dos ancestrais. Por isso ela</p>

<p>seguindo o ciclo das estações, sempre haverá outra festa mais adiante, para mais uma vez reforçar os laços da comunidade, o sentido de pertencimento e a identidade do povo Kalunga. p.67</p> <p>3. Isso fazia delas uma comunidade especial, o povo Kalunga.p.75</p> <p>4. Então, agora vocês sabem toda a história que mostra por que, como nós dissemos lá no princípio, o governo acabou reconhecendo a importância do povo Kalunga.p.79</p> <p>5. Foram eles que construíram um sentido de identidade para o povo Kalunga. Não é preciso, porém, conservar idêntico esse passado. É possível recriar a tradição,</p>	<p>educação, a vida do povo Kalunga melhorou muito, nesses últimos tempos.p.103</p> <p>5. Que eles aproveitem os recursos que já existem na região Kalunga e o conhecimento tradicional de seus moradores! P.105</p> <p>6. A tradição da tecelagem Kalunga sempre soube usar plantas como o urucum, o açafrão ou o anil para tingir os fios com que se faziam as cobertas.p.106</p> <p>7. O povo Kalunga tem um conhecimento extraordinário das plantas que servem como remédio e que estão ali, à sua disposição, na natureza p.106</p> <p>8. Esse conhecimento tradicional dos Kalunga não é prova do seu atraso,</p>	<p>é símbolo da dignidade do negro e da grandeza do povo Kalunga. p.31</p> <p>4. Já se vê que o povo Kalunga, que dependia do conhecimento da natureza para a sua sobrevivência, aprendeu também a preservá-la. Esses descendentes de africanos, que respeitavam os seus antepassados, sabiam que a natureza devia ser respeitada, para que seus recursos pudessem ser utilizados pelos seus filhos e netos e os netos dos seus netos. Esse conhecimento até hoje faz parte do modo de vida do povo Kalunga. p.36</p> <p>5. E esse foi outro fator que também contribuiu para o povo Kalunga estabelecer uma relação equilibrada com a</p>
--	---	--

<p>para encontrar um lugar próprio para ela no mundo moderno.p.107</p> <p>6. É preciso ter orgulho de ser Kalunga. p.111</p>	<p>porque não usam os remédios comprados na farmácia. É um recurso de que eles dispõem e que podem usar em seu benefício.p.106</p> <p>9. Pois é esse sonho que é preciso sonhar, para construir o futuro e aproveitar os instrumentos que a educação dá para transformar o sonho em realidade. Principalmente porque isso não é só sonho. Porque nada disso está distante do povo Kalunga. São recursos que sempre estiveram ali, na natureza, e podem ser aproveitados. E são conhecimentos, técnicas de trabalho, toda a tradição da cultura Kalunga que podem ser mobilizados para explorar esses recursos. Não será possível assim dar um salto por cima das limitações do presente</p>	<p>natureza ao seu redor. p.36</p> <p>6. Mesmo a caça, em território Kalunga, nunca foi predatória. p.37</p> <p>7. No tempo antigo, eram os Kalungas que dependiam da natureza para sobreviver. Hoje, é a natureza que também passou a depender deles para sua preservação. E isto foi por causa da maneira como eles souberam organizar a vida da comunidade.p.37</p> <p>8. Elas mostram que o povo Kalunga naquela época levava uma vida bastante independente e talvez até bem mais equilibrada, porque produziam quase tudo o que necessitavam. P.40</p> <p>9. Porque até aeroporto existe no</p>
--	---	---

	<p>e ganhar muito no futuro? Não vai ser preciso fazer tudo de uma vez.p.107</p> <p>10. Para isso que também deve servir a educação. Para ensinar as coisas novas do mundo atual. Mas também para preservar aquilo que o povo Kalunga ainda guarda do tempo antigo. Para que ele não corra o risco de perder sua cultura e sua identidade.p.108</p> <p>11. E a gente Kalunga sabia fazer potes, vasilhas e panelas de barro utilizados no seu dia-a- dia. Muitos ainda sabem como trançar as fibras para fazer o tapiti, onde se espreme a mandioca. E ainda não se perdeu a tradição do trabalho com o couro que produz as bruacas ou os pandeiros. Ou o</p>	<p>território Kalunga, pequenos campos de pouso no Riachão, no Vão do Moleque e no Vão de Almas. p.70</p> <p>10. Barcos a motor agora atravessam velozmente os rios onde só andavam as canoas feitas pela própria gente Kalunga. p.70</p> <p>11. Agências de turismo também trazem pessoas da cidade para visitar as incríveis cachoeiras da região da Chapada dos Veadeiros. E toda essa gente acaba por circular, surpresa e maravilhada, pelo território Kalunga.p.70</p> <p>12. Ou admirando as maravilhosas cachoeiras que existem em toda a região da Chapada dos</p>
--	---	---

	<p>trabalho com o buriti, que até as crianças usam para fazer seus brinquedos. Tudo isso, como a esquecida bandurra feita de cuia e fios do pêlo do rabo de cavalo, que Seu Gercílio ainda sabe fazer, são coisas que encantam as pessoas da cidade. Elas estão dispostas a pagar caro por esses objetos, quando vão visitar a região Kalunga e ainda encontram um artesão que saiba criá-los.p.108</p> <p>12. O povo Kalunga precisa aprender a administrar por si mesmo as coisas do seu interesse, sem precisar de alguém de fora. P.109</p> <p>13. Assim, valorizar a região Kalunga lá fora, só mesmo com a educação que se tem na escola. p.109</p>	<p>Veadeiros e são tão lindas no Kalunga. Isto se chama ecoturismo e, em toda parte onde ele é praticado, são as próprias pessoas da região que levam a gente da cidade para passear no meio da natureza que conhecem tão bem. Você já pensou em ser um guia e mostrar para a gente da cidade as maravilhas da natureza que existem no Kalunga? Você já pensou que este é um trabalho que pode render mais que o emprego na rua ou numa fazenda, mas que só é possível se o meio ambiente Kalunga for preservado?p.109</p>
--	---	--

	<p>14. E é tudo isso que a educação da escola também deve aprender a respeitar e valorizar nas crianças Kalunga. Isso é o que deve ser acolhido na escola, para se criar um elo entre o mundo de fora e a experiência do dia-a-dia das crianças Kalunga.p.110</p> <p>15. Mas também para que elas possam ensinar aos seus professores e às outras crianças que não são Kalunga um pouco dessa outra história do Brasil, de que elas são herdeiras. Uma história que os negros quilombolas, seus antepassados, foram capazes de criar, para afirmar e defender sua própria dignidade, que é símbolo da dignidade de todos os negros no Brasil. p.110</p>	
--	---	--

--	--	--

Ao verificarmos o número de ocorrências em que se promove a autoestima ao decorrer do livro de leitura observamos que no subitem *Cultura* temos 15 ocorrências. Em segundo lugar está o *Meio-Ambiente* com 12 ocorrências e finalmente podemos encontrar o subitem *Identidade/História* com 6 ocorrências. É interessante perceber com esta análise a importância da construção da representação da autoestima do povo *Kalunga* tanto no imaginário do próprio povo *Kalunga*, como no imaginário coletivo dos possíveis leitores da obra, ao utilizar uma obra como esta para a promoção da autoestima. Em um trabalho que fala sobre o fortalecimento da autoestima de um grupo jovem negro e a educação OLIVEIRA (2000) diz que “a escola não reconhece o negro como pessoa pertencente a um grupo que porta valores culturais diferentes e não oferece conteúdo que promova a construção de sua autoestima. Ao contrário, por falta de informação histórica e política, quase sempre o fracasso escolar fica atribuído à própria vítima, ao jovem, que não consegue permanecer em uma escola que desconsidera o seu modo de ser e sentir.”

Um trabalho como *Uma história do povo Kalunga* torna-se exemplo de resgate e fortalecimento de autoestima de um grupo minoritário. MOURA² (comunicação pessoal) afirma que a obra tem como um dos seus objetivos ajudar os quilombolas a exercerem seus direitos de cidadania e que mudanças na realidade deverão ser realizadas em conjunto com a sociedade e o Estado.

Divulgar para que/quem? O poder da informação

Em um primeiro momento este livro de leitura *Um história do povo Kalunga* foi produzido para a comunidade quilombola Kalunga da Chapada dos Veadeiros no estado de Goiás, como afirma MOURA (comunicação pessoal) “O livro foi distribuído, segundo o MEC, apenas na Comunidade Kalunga, que fica no estado de Goiás, para ser usado nas escolas de lá. A SEPPIR

² Comunicação pessoal de Maria da Glória Moura, Coordenadora Geral do Projeto *Uma história do povo Kalunga*, via email.

(Secretaria de Promoção de Políticas da Igualdade Racial) distribuiu este material.” A obra também pode ser encontrada no site do domínio público, o que expande sua divulgação, uma vez que torna-se importante compartilhar o conteúdo da obra com outros locais que não a própria comunidade Kalunga ou remanescentes quilombolas.

CHARTIER (2004) em entrevista concedida à TVE ao dar sua opinião sobre o uso do livro didático na escola afirma “se o livro é o centro de um conjunto de práticas, a palavra viva, a construção coletiva de uma identidade, de um projeto escolar, me parece que o papel do livro é absolutamente fundamental, porque até agora o livro, desde a Antigüidade Grega até o presente, foi, se não o único veículo, o veículo essencial da transmissão dos conhecimentos, saberes, prazeres, que cada indivíduo pode ter com o passado, com o presente, ou com a sociedade em que ele vive. Costuma-se organizar, a partir do livro, ao redor do livro, uma série de práticas culturais que me parecem importantes.”

Mais adiante respondendo ainda à mesma pergunta CHARTIER (2004) pontua “Outra coisa que me parece importante é que, no Brasil, há uma experiência interessante. Quando se fala de livro e da escola, se fala sempre no livro dentro da escola. E o importante é que as crianças vão encontrar livros na escola. Por diversas razões, econômicas ou culturais, nunca vão encontrar livros em sua casa, e daí é uma iniciativa fundamental, me parece, quando a escola ajuda na presença do livro fora dela.”

Se o livro torna-se tão importante na escola e se é a partir dele que as crianças se apropriam das representações sociais CHARTIER (1998) também lembra que “a leitura é apropriação, invenção, produção de significado. Apreendido pela leitura, o texto não tem de modo algum – ou ao menos totalmente – o sentido que lhe atribui seu autor, seu editor ou seus comentadores.” Ou seja, os/as leitores/as quilombolas ou não, Kalungas ou não farão suas relações de sentido de forma diferenciada. Porém todas as leituras estarão permeadas por imagens e ideias motivadoras sobre a importância histórica do povo quilombola Kalunga e acessarão um texto impresso ou digital carregados semanticamente do valor da autoestima para o crescimento e amadurecimento de um povo.

MOURA (comunicação pessoal) diz que o kit *Uma história do povo Kalunga* tem caráter universal e é livre para atingir qualquer pessoa ou instituição.

Portanto as representações do povo quilombola Kalunga feitas na obra analisada estão ligadas ao poder de libertação da versão histórica que normalmente se construiu para quilombolas ou

não. SILVA (2000) afirma que “a representação é um sistema linguístico e cultural: arbitrário, indeterminado e estreitamente ligado a relações de poder.”

Que o poder daqui pra frente possa estar mais relacionado a outras visões do poder oportunizando a leitura e releitura de nossa história.

Referências Bibliográficas

BHABHA, Homi K. O local da cultura. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998. Interrogando a identidade. p. 70-104.

CHARTIER, Roger. A aventura do livro do leitor ao navegador: uma conversa com Jean Lebrun. São Paulo: Editora Unesp, 1998.

EDUCA. O que são os quilombolas? Riqueza cultural desconhecida. Entrevista com José Maurício Arruti. Realizada em 03/03/2010. Disponível em: <
<http://www.igeduca.com.br/artigos/convivendo-com-a-diferenca/o-que-sao-os-quilombolas.html>> Acessado em: 20 jul, 2010.

MUNANGA, K. . A difícil tarefa de definir quem é negro no Brasil. Entrevista. Revista "Estudos Avançados: São Paulo, p. 51 – 56, 01 jan. 2004.

OLIVEIRA, R. O Jovem negro e a educação: Uma experiência de fortalecimento da auto-estima. Textos do Brasil, Brasília: n.7, p.51-57, 2000.

OLIVEIRA, R. (Org.). Uma História do Povo Kalunga. Brasília: Ministério de Educação –MEC, 2001.

PARÉ, Marilene Leal ; MEC, Luana Paré de ; VELLOSO, Alessandra D'Aqui . A educação para quilombolas: experiências de São Miguel dos Pretos em Restinga Seca (RS) e da Comunidade Kalunga de Engenho II (GO). Cadernos do CEDES (UNICAMP), v. 27, p. 27, 2007.

REVISTA NOVA ESCOLA. A luta dos quilombos para implantar um currículo próprio. Disponível em: <
<http://revistaescola.abril.com.br/politicas-publicas/modalidades/luta-quilombos-implantar-curriculo-proprio-quilombola-556088.shtml?page=1>> Acessado em 19 jul. 2010.

SANTOS, J. B. O conceito de Quilombos: distância entre a academia e os quilombolas. Portal Jurídico Investidura, 28 jul. 2009.

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: Tomaz Tadeu da Silva. (Org.). Identidade e diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais. 1 ed. Petrópolis: Vozes, 2000, v. 1, p. 73-102.

TVBRASIL. Salto para o Futuro. Entrevistas. Roger Chartier, o Leitor o livro e a leitura. Realizada em 25/6/2004 Disponível em: <
http://www.tvbrasil.org.br/saltoparaofuturo/entrevista.asp?cod_Entrevista=60> Acesso em: 30 ago. 2010.

UNB. Entrevista com Maria Glória Moura. Disponível em: <
<http://www.unb.br/noticias/entrevistas/entrevista.php?id=20>> Acessado em: 21 jul. 2010.

Recebido em: 1 de setembro de 2010.

Aceito em: 15 de setembro de 2010.